

# Tolerância zero

P A 11

JORNAL DO BRASIL 03 AGO 2007

**José Samey,**  
ex-presidente da República,  
senador e integrante da  
Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

AINDA ESTAMOS NAS chamadas da catástrofe de Congonhas. É que estou tomado de um profundo sentimento de pesar ao comandante Kleyber Lima, porque, como dizem na linguagem jurídica sobre o Supremo Tribunal Federal, ele teve o destino de errar por último, ou de não errar por último.

Um provérbio latino, citado por Diógenes Laércio na *Vida e*

*opiniões dos filósofos ilustres*, diz que *de mortuis nil nisi bonum* (dos mortos só se deve falar para dizer o bem), mas no caso do comandante do voo 3054 só se tem dito ter ser ele o responsável, ignorando-se todas as outras responsabilidades e convergências. Era um profissional competente, com milhares de horas de voo e suas dramáticas palavras finais mostram o seu desespero e responsabilidade profissional. A frase do co-piloto, Henrique Di Sacco – "Vira, vira, vira" – é interpretada como uma ordem para manter o avião na pista ou fazer um chamado cavalo de pau, isto é, rodopiar.

Mas ninguém aventou a hipótese de ter sido um desejo de salvar vidas e cair fora dos prédios que cresciam a sua frente. Eles pensavam nas outras vidas, já que as suas estavam perdidas.

É um lugar comum repetir-se que todo acidente é uma conjugação de fatores negativos que se juntam para o desfecho final. Assim como todas as coisas. Só que nessas o final é exatamente o contrário do desejado. Há que recordar, em primeiro lugar, o porta-aviões que é Congonhas, que, em vez de ser cercado de água por todos os lados, é cercado de casas, edifícios, avenidas, praças, gentes

em vez de peixes. Isto torna crítica toda operação ali realizada, em que não se pode errar sem consequências. Estar chovendo acrescenta à pista pequena e mal localizada mais um fator de risco. Por último, e não por isso menor, o estar o avião com um dos reversos em pane, sem poder funcionar.

Estresse de quem comanda um avião nessas situações certamente deve ocorrer, e se suas mãos hábeis se embaralham no empurra e recua das manetes não lhe dão o crédito de todos os erros. Some-se a tudo isso a crise que vivemos, dos equipamentos insuficientes, dos controladores incontroláveis, do desapareci-

mento das velhas e experientes companhias – Varig, Vasp e Transbrasil – e essa conjunção de circunstâncias nos leva a pensar nesse acidente terrível que levou tantas vidas e deixou sofrendo tantas famílias, com as quais choramos juntos e às quais devemos consolar na dor. Foi tão brutal essa tragédia que invadiu nossas casas e corações, mantendo até hoje nossa perplexidade.

Que as autoridades não vacilem na investigação mais dura e competente que tiverem de fazer e tenham tolerância zero. Está na moda dizer "cansei". Nunca devemos cansar para combater essas coisas. Melhor não desistir.